

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO JORNALISMO

AS SALAS DE CINEMA DE FLORIANÓPOLIS

Trabalho de Conclusão de Curso

Renê von Hohendorff Müller

Prof. orientador **Paulo Brito**

Florianópolis, 11 de dezembro

de 1996.

Apresentação

Este trabalho que vocês estão recebendo é o meu projeto de conclusão de curso: *As salas de cinema de Florianópolis* e foi desenvolvido entre agosto e dezembro de 1996. O projeto é oficialmente uma grande reportagem, mas, de acordo com seu próprio desenvolvimento, acabou virando uma reunião de informações históricas (a base do projeto), crônicas e histórias que surgiram com o desenvolvimento do "cinema" da capital.

As salas de cinema tiveram uma evolução rápida e muito parecida em todas as cidades do país. A segunda revolução, o surgimento do cinema sonoro, repercutiu em todos os lugares da mesma maneira que em Florianópolis. Também o aparecimento da reprodução de imagens em movimento através da TV, apontada como responsável pela diminuição da frequência de espectadores nas salas de cinema, a partir de fins dos anos setenta, foi sentida da mesma maneira em todas as cidades do mundo.

O diferencial talvez sejam as pessoas que fizeram a história do cinema em cada uma destas cidades, aquelas pessoas que acreditaram na indústria do entretenimento, sem saber que naqueles tempos do início do cinema, o que eles entendiam por arte fosse se transformar numa das maiores indústrias do final do século. A história destas pessoas estão representadas aqui por Osmar Silva, de 80 anos, que por mais de sessenta foi operador, bilheteiro, carregador de latas, etc., mas nunca foi dono de um cinema. Dedicou sua vida aos cinemas de Florianópolis. Ele acompanhou, desde garoto levado pelas mãos de seu pai, o trajeto de todas as salas de cinema de Florianópolis desde 1926, quando começou a ajudar o pai nas projeções dos filmes que eram exibidos naquele tempo.

Ele é a fonte principal deste trabalho, com sua memória recordou muitas das histórias e passou quase todas as informações contidas neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Imagens em movimento

As exibições cinematográficas em Florianópolis começaram no início do século. O primeiro registro de imagens em movimento do qual se tem notícia na cidade foram as apresentações dos quadros ilusionistas de H. Kaurt, realizadas a partir do dia 21 de julho de 1900 no Teatro Álvaro de Carvalho.

Esta imagens eram ilustrações que, sobrepostas umas às outras, criavam a ilusão de movimento, tal qual os desenhos animados de hoje em dia. O mecanismo era alimentado por um gerador de energia de origem ou norte-americana, ou inglesa ou francesa. Ninguém sabia ao certo. Alguns acreditam que o aparelho usado para apresentar as imagens em movimento era um projetor, por causa dos anúncios que Kaurt publicou em Curitiba, na mesma época, anunciando o novo evento e fazendo referências ao um certo "Cinematógrafo Universal".

Em novembro do ano seguinte, Kaurt voltou ao Teatro Álvaro de Carvalho usando o que ele chamava de um "Grande Cinematógrafo Universal", adquirido em Paris. Dos filmes apresentados destacavam-se: "O Funeral do Rei Humberto I"; "As Festas em Paris"; "A Guerra do Transava"; "Uma Tourada em Serrilha" e "Grande combate naval pelas esquadras aliadas nos mares da China".

Ainda no início do século passa pela cidade o "Cinematógrafo Apollo", vindo de Blumenau onde Eduard von Shultz exibira diversos filmes, dos quais destacava-se a "Vistas de Brusque, Itajaí e arredores", que, ao que tudo indica, deva ser a primeira produção cinematográfica do estado de Santa Catarina. Quando chegou na capital von Shultz rebatizou o filme com outro nome: "Viagem para o Egito e para o Estado de Santa Catarina".

As projeções seguintes, a partir de agosto de 1902, foram apresentadas como complemento do programa de variedades da Companhia Circense de Irrels Hick. Entre uma sessão de hipnotismo e outra, depois de verem a "Mulher Camaleão" e o "Menino Prodígio" a cidade pode observar obras como "Férie" exibida em cores; "Barba Azul"; "A história de um crime" e "Vida e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo". Segundo edição do jornal "O Estado" daquela época, a companhia teve problemas com a projeção dos filmes por causa do serviço deficiente de energia elétrica, o que obrigou a companhia de Hick a usar luz de magnésio para projetar suas imagens em movimento.

O anúncio da presença destas companhias e da projeção de imagens em movimento eram feitos nos jornais locais - O Estado, A Gazeta e outros - mediante pagamento. Algumas destas companhias permaneciam por semanas na capital e tem-se pouco registros impressos. Mas foi a partir desta necessidade de se assistir imagens em movimento que o serviço de fornecimento de energia elétrica da Carioca melhorou. Os geradores a diesel foram retificados e a partir de 1908 o centro da cidade tinha uma rede de energia elétrica que propiciou o surgimento das primeiras salas de exibições, que mais tarde vieram a ser chamados de cinemas.

A Primeira Sala da Ilha

No final da primeira década deste século, em 1908, aparece em cena o senhor Júlio Moura, proprietário de uma empresa de torrefação e moagem de café, conhecida como Café Moura. Júlio Moura resolveu entrar no negócio de cinema e arrendou o Teatro Álvaro de Carvalho. Fez um negócio com as autoridades e instalou uma sala de exibição de imagens em movimento, chamando o local de Cine Teatro Variedades.

O Cine Teatro Variedades, como o próprio nome diz, era voltado para todo o tipo de espetáculos. Apresentava desde as antigas companhias mambembes e circenses, que já em outras oportunidades apresentaram suas atrações no velho teatro Álvaro de Carvalho, até a grande novidade chamada cinematógrafo.

Assim, a nova casa passou a exibir além de filmes, também operetas, cantores, teatro de revista e números de magia, este a cargo de performáticos como *professor Orlando* ou *Leopoldi*, mas a atividade principal da nova sala era o cinema.

Era um negócio próspero pois, segundo pesquisa de Edith Kormann, realizada em 1908, Júlio Moura já era proprietário de uma sala igual em Blumenau, onde mantinha negócios.

Várias inovações surgiam, como o *kinemacolor*, o primeiro processo comercial usado para transformar os filmes preto e branco em cores, criado por George Albert Smith. Surgiram também pequenas modernizações na aparelhagem, inovações que possibilitavam exibição e projeção melhores, permitindo o surgimento de uma concorrência a Júlio Moura, com o aparecimento dos cinemas Círculo e Casino.

“O Cinema elegante”

No final dos anos 10, a deflagração da Primeira Guerra Mundial era o assunto que dominava as rodas daqueles tempos. Os jornais enchiam as primeiras páginas com notícias vindas da Europa e Florianópolis, que abrigava um número considerável de imigrantes europeus (sobretudo alemães), acompanhava atenta os fatos e conseqüências geradas pelo conflito.

Os moradores da ilha pareciam esqueceram-se dos males da gripe espanhola que, em proporções epidêmicas, matou amigos e parentes dos moradores locais. O assunto era a Primeira Guerra Mundial.

Parte da sociedade local que se considerava “granfina” sentia-se incomodada, constrangida em ter que assistir filmes nos cinemas de então, dividindo espaço com as classes mais baixas. O cinema Círculo, que havia fechado suas portas e o cinema Casino, que pouco tempo depois teve o mesmo destino, já registravam uma frequência reduzida. Restava o cinema Variedades, localizado no Teatro Álvaro de Carvalho, que podia cobrar ingressos a preços diferentes, dividindo o público por categoria, devido a sua estrutura arquitetônica. Havia bilhetes para a “geral”, destinada as pessoas de baixa renda, localizada acima da “platéia”, que cobrava um preço maior e diferenciado. Além disso havia os camarotes e frisas, destinado aqueles que possuíam uma renda maior, a “grafinagem” da cidade.

Tratava-se de um cinema democrático, onde todas as classes tinham lugar, apesar da separação discriminatória pela cobrança dos ingressos com preços distintos. Era a época do cinema mudo, que permitia que analfabetos assistissem todos os filmes, o que não ocorreu quando apareceu o cinema falado em inglês, que exibia legendas. Quem sabia ler ia ao cinema. Quem não sabia, perguntava para os outros, que contavam os filmes depois de assisti-los. O recurso “elitizou” esta forma de arte, até os dias de hoje.

Júlio Moura, percebeu este anseio da população mais bem remunerada da cidade e decidiu abrir uma nova sala de exibição, que passou a chamar de Ponto Chic. O novo cinema ficava localizado em um lugar privilegiado, na esquina das ruas Arcipreste Paiva e Felipe Schmidt, bem defronte a Praça XV e da Figueira, onde hoje esta localizada a Livraria Alemã, depois de ter servido como A Soberana dos irmãos Moritz, de Banco e de loja de confecções masculinas.

Este novo cinema, ao contrário dos anteriores, era dedicado exclusivamente à projeção de filmes cinematográficos e era apontado pelo jornal “A República” como o “mais elegante que possuímos”. Florianópolis possuía um cinema de nome Elegante, o que justificaria o sentido duplo da frase publicada no “A República”.

A existência deste Cine Elegante, não consta dos registros históricos da cidade, apesar da referência. Fora o nome e a programação impressa em certas datas nos jornais locais, não se conhece nenhuma citação sobre a sua existência e o período de suas existência ou de referência a sua “elegância”.

O cinema e o músico

No começo as imagens tinham movimento, mas eram mudas. As pessoas assistiam as projeções nas telas em barracas de lona, depois em salões de igrejas ou das prefeituras, e mais tarde em salas especiais que se chamavam "cinemas". As cenas mudas em movimento acabaram ganhando um contraponto: os músicos que, ao vivo, ilustravam com sons as cenas dos filmes. O primeiro cinema de Florianópolis a usar música ao vivo - um pianista - nas projeções de imagens ao vivo foi, segundo o jornal "O Estado", o Cine Variedades. Um dos músicos mais proeminentes daquela época era o violonista Álvaro Ramos, que dirigia a orquestra da sala. Era um maestro elegante, de porte e vestia-se impecavelmente, usando sempre uma gravata borboleta.

Inicialmente foi contratado para acompanhar os filmes, mas ao montar uma orquestra e adquirir fama, passou também a acompanhar a apresentação das operetas e cantoras líricas que eram contratadas pelo Cine Teatro Variedades. Logo passou a ter um concorrente, que comandava a orquestra do Cine Círculo. Era Álvaro Souza.

Havia também os pianistas Max Kimzer e Hugo Freyesleben, que tocavam no Variedades e no Cine Ponto Chic, e tempos depois foram contratados pelo dono do Cine Internacional. As mulheres também marcavam presença como pianistas de cinema, como foi o caso da professora Colombina Couto, uma pianista muito elogiada que ilustrava as projeções das sessões do Ponto Chic.

Mas a grande atração eram as orquestras, que acompanhavam os filmes nas sessões das quintas e dos domingos. Eram compostas por vários instrumentos, e, de tão boas, chegavam a ser uma atração a parte. Muitos espectadores iam ao cinema só para ouvi-las. Alguns músicos ficaram conhecidos e fizeram fama, como o contrabaixista Sebastião Vieira, o clarinetista da Polícia Militar Quincas, além dos irmãos Emmel.

O bêbado e músico

Um dos Emmel, de nome Ernesto foi personagem de casos curiosos. Era um ótimo violinista que bêbado, diziam, tocava "ainda melhor". O cantor Vicente Celestino, famoso pela autoria e pela interpretação da música "O Ébrio", tinha como hábito excursionar com a mulher em uma companhia de operetas. Algumas vezes passou por Florianópolis e nas suas apresentações na ilha era acompanhado por Ernesto Emmel.

Terminadas as apresentações, Celestino saía com os músicos pela cidade, cantando e bebendo. Depois de ficarem bêbados, Ernesto e Vicente pegavam um barco e ancoravam no meio do canal, onde cantavam até o dia amanhecer, como se estivessem fazendo uma serenata para alguma dama. O espetáculo, para quem

assistia da praia ou dos trapiches, era divino. A bela e potente voz de Vicente Celestino era ouvida tanto no continente como na ilha.

O pianista envergonhado

Fioravante Testa era um jovem pianista de origem italiana, que tocava nas sessões do Cine Variedades. Era baixinho e extremamente envergonhado. Tinha um grande problema: dirigir-se ao palco onde deveria tocar e acompanhar os filmes mudos. Sua maior vergonha era quando se dirigia ao local com as luzes acesas, quando ele acabava muito aplaudido pela platéia que lotava o teatro Álvaro de Carvalho.

Ele ficava num local mais alto do que o público, em destaque, e sentia-se envergonhado. Nunca conseguiu superar este complexo. Combinou com o operador do cinema que, no momento em que tivesse que sentar ao piano, as luzes deveriam ser apagadas. Assim Fioravante Testa começou a entrar logo após as luzes se apagarem. Sorrateiramente, corria até o palco, morrendo de medo de ser reconhecido ou que as luzes se acendessem.

A vitrola e a orquestra

As sessões de filmes que os músicos precisavam ilustrar com suas instrumentações muitas vezes criavam situações complicadas. Tocando em duas, três sessões seguidas alguns músicos se cansavam. Certa vez, um flautista que tocava no Ponto Chic pediu, esgotado, que o projecionista passasse o filme mais rapidamente. Caso contrário, dizia o músico, acabaria entrando em colapso!

Às vezes, havia maneiras criativas de descansar: ao mesmo tempo em que tinham sua pausa, acabavam embelezando o filme ainda mais.

Foi o que a orquestra do Ponto Chic fez nas sessões do filme "Os Barqueiros do rio Volga". No ponto em que os barqueiros subiam o rio, talvez a cena crucial do filme, Hugo Freyesleben batia três vezes com a bengala no palco: era a deixa para tocar a música que inspirou o filme, "Barqueiros do Volga", reproduzida numa vitrola colocada atrás do palco. Recurso esperto e que, de acordo com quem o presenciou, de grande beleza e intensidade.

Cinema Falado

O surgimento do cinema falado, com o filme **O Cantor de Jazz**, em 1928, transformou toda a indústria cinematográfica mundial. Estas mudanças chegavam também as salas de projeções. O proprietário que não modificasse seus projetores, que não instalasse um reproduutor de som, podia contar nos dedos os dias que marcariam o fim de seu negócio...

Dois anos depois de lançado para o mundo o cinema sonoro já era do conhecimento dos catarinenses. As novas técnicas faziam com que a imagem da tela tivesse voz ! Uma novidade. Mas havia pessoas que duvidavam desta nova descoberta. Ouviam com ceticismo as histórias das pessoas que tinham assistido filmes sonoros em São Paulo ou na capital da República, então a cidade do Rio de Janeiro.

Entre aqueles céticos, com certeza, não estava Paulo Schlemper. Empresário no ramo de móveis e descendente de alemães, ele aproveitou do momento da revolução sonora para entrar no negócio. No dia 12 de maio de 1931, Paulo Schlemper inaugurou o primeiro cinema falado em Florianópolis, com o nome de Cine Palace.

O cinema que fala na Ilha

O projetor do Palace era um Saxonía nº 5, da empresa alemã Nietszche A. G., e possuía dois sistemas de reprodução de som. O primeiro deles era o Movietone, que a Saxonía denominava *Selenofon*. O nome vinha do metal selênio, que era então a chave mágica que transformava energia em som.

Uma parte da película era sensível ao selênio, e este, tendo também contato com uma fonte luminosa, conseguia "ler" a corrente elétrica primitiva contida no filme. Esta corrente, ou "som", era amplificado por um microfone nos alto-falantes do Cine Palace. O som era "fotografado" juntamente com a imagem. Mas a qualidade do resultado, naquela época, não era boa e deixava a desejar.

O filme que marcou a inauguração do Cine Palace, e que fez o cinema falar e cantar pela primeira vez em Florianópolis foi um musical produzido pelos estúdios da Paramount, chamado "Alvorada do Amor".

A fita tinha como protagonistas o ator francês Maurice Chevalier e Jeanette Macdonald. Esta, inclusive, era bilheteria certa na cidade. Só que “Alvorada...” não era lá essas coisas. Com o complicado som do Movietone, então...

A tecnologia do som

O sistema Vitaphone, chamado de *meloton*, fabricado pela empresa alemã, era muito mais simples e, para aquela época, mais satisfatório. Tratava-se de uma vitrola adaptada junto ao projetor de imagens que tocava o disco, em vinil, o qual continha o som do filme. O som era amplificado e sincronizado com a ação mostrada na tela. Muitas vezes não havia um sincronismo perfeito. Um personagem batia no outro e o barulho da bofetada chegava atrasado. Outra vez era um choro, que escapava, sem mais nem menos, dos alto-falantes, e anunciava a ação com antecedência. O espectador acabava imaginando o que a pobre e maltratada personagem faria a seguir...

Nos intervalos para troca das bobinas ou dos rolos de fita o operador de projetor precisava sincronizar o disco da parte sonora com o filme, o que geralmente causava irritação do público pela demora. Cada fita ou rolo tinha que ter a duração de 20 minutos, mais ou menos, por causa da utilização de carvão nos projetores. O carvão superaquecia as fitas e, se o projetista não tivesse cuidado, poderia causar a queima do celulóide e provocar um incêndio. Os estúdios tinham um cuidado de não estender muito o tempo de cada rolo.

Essas inconveniências criavam situações embaraçosas como manifestações de desagrado do público e desentendimentos entre os fornecedores dos filmes e de equipamentos com os proprietários das salas de exibição.

Para instalar o primeiro cinema falado na ilha a empresa de Paulo Schlemper trouxe um engenheiro alemão chamado Albino Henzel, Jr. Albino não sabia falar nenhuma palavra em português, nem mesmo sabia expressar um cumprimento, ato para o qual as pessoas daquele tempo davam muita importância.

Para sorte de Paulo Schlemper, um de seus funcionários na fábrica de móveis sabia falar alemão. E Paulo, apesar de descendentes dos imigrantes alemães, não dominava a língua de seus ancestrais. Assim, o marceneiro Max Kimel foi o assistente de Albino Henzel e co-responsável pela instalação do cinema falado na ilha. Mais tarde, Max Kimel dedicou sua vida ensinando os detentos da penitenciária a fabricar móveis de vime.

Entre no cinema pela mão do pai

A novidade do cinema falado agitou os proprietários das salas de cinema da capital, que logo tiveram que correr atrás do prejuízo. O primeiro cinema a se adaptar aos novos tempos foi o Centro Popular, que também adquiriu um aparelho Movietone.

O Centro Popular era o salão onde os padres da irmandade do Santíssimo Sacramento organizavam festas, shows e passavam filmes. Ficava atrás da catedral, na rua Padre Miguelinho, e estas sessões eram cobradas.

O Movietone foi instalado no projetor Krupp-Ernemann do Centro dois meses depois da inauguração da sala de Paulo Schlemper. A responsável pela instalação foi a empresa Byton e Cia., uma companhia norte-americana, que fora responsável pela construção da Ponte Hercílio Luz.

Os filmes projetados no novo sistema eram produzidos pelos estúdios Fox. Conta Osmar que seu pai Norberto foi levado pelos padres, depois que saiu do Cine Internacional para operar o novo aparelho, a novidade.

Osmar, que acompanhava o pai quase que todos os dias, aprendeu o ofício e sabia trabalhar com o projetor. Muitas vezes, era seu Osmar que cuidava sozinho da operação. Não sabia ele que, pouco tempo depois, com a morte do pai, se tornaria, ainda menino, um operador profissional e dedicaria sua vida ao cinema.

Cinema x operetas

O Teatro Álvaro de Carvalho era constantemente arrendado para quem quisesse explorá-lo. Não é como agora, em que o Estado cuida do TAC e que a prefeitura vive tentando conquistá-lo. A primeira pessoa a usá-lo como cinema foi Júlio Moura, o pioneiro das salas de cinema na cidade.

Depois, o TAC passou para a administração de A. Matos Azeredo, uma empresa de Curitiba. Após o término do contrato de arrendamento a empresa curitibana resolveu abandonar os negócios em Florianópolis.

Na mesma época em que o Cine Palace era inaugurado, o filho de Júlio, Mário Moura, juntou-se a Epônimo Macuco, gerente da Matos Azeredo em Florianópolis. Os dois resolveram assumir o arrendamento do teatro Álvaro de Carvalho. Assim nasceu a empresa Moura & Macuco, que ressuscitou o Cine Teatro Variedades.

Só que o empreendimento de Paulo Schlemper acabou com a alegria dos novos sócios, e a nova empresa de entretenimento tentou encontrar um caminho para concorrer com os filmes sonoros: passou a investir em apresentações de operetas e duplas de cantores.

O novo mercado, contudo, era mesmo o cinema falado e Moura & Macuco tiveram que fechar o "novo" Cine Teatro Variedades.

O cinema pega fogo

Paulo Schlemper aos poucos ia tomando gosto pelo novo negócio, e dedicava mais tempo ao cinema do que a sua fábrica de móveis. Decidiu arrendar o já desocupado TAC e lá instalou o Cine Paramount. O nome era uma homenagem ao estúdio que fazia o sucesso do Palace. As pessoas não gostavam de freqüentá-lo, mas, com a novidade, o teatro passou a receber algumas "enchentes" de público, uma expressão em moda e muito usada na época.

Tudo parecia ir muito bem com o Paramount. Porém, numa bela noite o carvão usado no projetor de imagens decidiu pregar uma peça na vida de Schlemper. A película era "altamente" inflamável - quem conta é seu Osmar -, e se incendiou, provocando um grande tumulto no Álvaro de Carvalho. Algumas

pessoas se machucaram gravemente, ao caírem da geral localizada no alto da sala do teatro e caíram em cima dos espectadores que estavam sentados na parte de baixo, chamada de platéia.

O incidente não causou muitos estragos e prejuízos, mas foi o suficiente para que Paulo Schlemper, desnordeado, resolvesse fechar o seu novo negócio. Paulo não só fechou o Cine Paramount, localizado no TAC como também o Cine Palace, o primeiro cinema falado da ilha.

“Depois dessa, não quero mais saber de cinema”, dizia por muito tempo para seus amigos.

Muda de dono e muda de nome

O cinema quando mudava de dono, mudava de nome, e assim o prédio onde estava localizado o Cine Palace, na esquina da Tenente Silveira com Arcipreste Paiva (onde hoje esta instalado a Secretaria da Fazenda e o Tesouro do Estado), mudou de nome e nasceu o Cine Central, isto em 1934. O dono do novo cinema, senhor Torres, era louco, diziam alguns nas conversas do Café do Quidoca ou no Café Central.

E este louco inaugurou o Cine Central, no dia dois de outubro de 1934 com o filme alemão chamado “Sinfonia Inacabada”. O filme contava a vida do compositor Franz Schubert e seu amor não correspondido pela condessa Esterhazy. A célebre sinfonia do músico, tocada em si bemol, deu nome ao filme. A atriz principal era Martha Eggerth, famosa na época. A obra fez uma ótima bilheteria e teve grande repercussão na cidade.

Ironicamente, o cinema só durou alguns meses. O último filme exibido lá foi o mesmo “Sinfonia Inacabada” que, pomposamente, abriu o local. “Essa sinfonia devia era se chamar acabada”, era a gozação que rolava na época. “Ao que parece, o Schubert conseguiu acabar a danada!”

Minha vida no Cinema

O eletricista Norberto Silva nunca imaginou que o seu futuro estaria no cinema. Nem passava pela sua cabeça ser operador de imagens em movimento. No início do século, antes de findar o ano de 1910, Florianópolis teria seu primeiro cinema. Júlio Moura, tinha uma empresa comercial e decidiu arrendar o teatro Álvaro de Carvalho e instalou ali o Cine Variedades. Norberto Silva, pai de Osmar era eletricista da empresa de torrefação de café da família Moura e por decisão de Júlio, o patrão, foi transformado em eletricista e operador do Cine Variedades.

Até hoje não se sabe por que Júlio Moura perdeu ou transferiu o arrendamento do teatro para uma empresa de Curitiba chamada: A. Matos Azeredo, famosa no meio cinematográfico daquela época por possuir as melhores salas do sul do país. Quando Moura perdeu o contrato de arrendamento Norberto tomou a decisão de sair do Cine Variedades, mas, segundo Osmar - o filho -, foi por pouco tempo.

Na verdade Norberto Silva ficou apenas dois dias desempregado. Ele decidira viajar para Curitiba e lá tentar conseguir uma nova ocupação. Deixou instruções claras para que a família não informasse seu paradeiro; ninguém deveria saber onde ele estava. Mas uma proposta de trabalho o trouxe de volta.

Três empresários da cidade formaram uma empresa sob o nome *Empresa Cardozo e Cia.* Eles acreditavam que a cidade poderia ter mais um cinema e resolveram criar o Cine Internacional. O nome surgiu da proposta de mostrarem filmes produzidos em todas as partes do mundo e não só da América do Norte, a idéia era a de internacionalizar o cultura cinematográfica dos moradores de Florianópolis que gostavam de cinema.

O Cine Internacional ficava localizado na rua João Pinto, onde também funcionava o jornal "O Estado". Ele foi inaugurado no dia 17 de junho de 1924,

depois de um adiamento, que a cidade considerou irritante por causa do atraso da entrega dos filmes que deveriam ser exibidos na sessão "première".

Os grande estúdios

Inaugurado poucos anos do surgimento do cinema sonoro, o Cine Internacional tinha uma característica curiosa: surgiu no mesmo tempo em que eram instalados os grandes estúdios cinematográficos norte-americanos. Em 1924 os estúdios Metro fundiram-se com a Goldwyn Pictures, outra empresa norte-americana produtora de filmes e os negócios de Louis B. Mayer, dando origem à Metro-Goldwyn-Mayer, o estúdio cinematográfico que dominaria a produção e distribuição de filmes na década seguinte, principalmente de grandes musicais. No mesmo ano foi criada a empresa cinematográfica Columbia Pictures. Na mesma época também foram fundados os grandes estúdios Disney e Warner Bros, que começavam a entrar com tudo no mercado do cinema mundial.

Além das grandes obras produzidas pela Universal e pela Fox, os filmes que o Cine Internacional exibia, para consolidar o seu nome, eram películas baratas, de estúdios obscuros como Triangle, Cesare e Film Foquet, espalhados pelo mundo. Mas eram os "faroestes" (*westerns*) produzidos pela Fox que o público da ilha adorava e apreciava, principalmente aqueles estrelados por Tom Mix, uma espécie de John Wayne da era do cinema mudo.

Os faroestes, por serem filmes de muita ação e pouco diálogo, acabavam atraindo um espectador mais humilde, de pouca leitura ou mesmo os analfabetos, pois este tipo de espectador podia entender o enredo do filme se precisar ler as legendas, assim como a criançada, que adorava as aventuras de Tom Mix e seu cavalo branco.

Mas a vida do novo cinema teve uma duração muito curta. Ele foi fechado no final dos anos 20 e não se sabe porque, mas no entanto suas instalações deram lugar, mais tarde, a um novo cinema, chamado Cine Imperial, de propriedade de Willy Kersten e Admar Gonzaga.

Norberto Silva, o electricista que virou o primeiro operador de cinema da cidade, morreu em 1930 deixando um filho de nome Osmar, que por muitos anos iria se dedicar aos negócios do cinema e com ele sustentar toda sua família: mãe e irmãos. Seu Osmar tem parte na vida das salas de exibição de filmes de Florianópolis, mas isto é outra história.

O “Palácio dos Sonhos”

Foi a partir dos anos 30, que o perfil das salas de cinema de Florianópolis começou a se transformar. Elas deixaram de ser dependentes uma das outras, como antigamente. Júlio Moura era proprietário de dois cinemas, que por muito tempo eram os únicos da cidade. Mas, ao longo dos anos, ninguém chegou a ser dono de um único circuito, monopolizar a exibição de filmes na ilha.

Havia problemas como o de se conseguir boas fitas de bons estúdios, uma vez que a concorrência obrigava os cinemas a conseguir o melhor. A concorrência funcionava: se um exibia uma boa fita da Fox o outro procurava uma obra da Universal. Os distribuidores tinha suas sedes em Curitiba, e ficavam com uma grande porcentagem do dinheiro arrecadado nas bilheterias. Filmes de sucesso davam bons lucros aos proprietários das salas na capital, outros rendiam razoavelmente. Mas os distribuidores exerciam uma fiscalização rigorosa e sobrava muito pouco, na média, para os donos de cinema da Ilha.

Eles enfrentavam outra série de problemas como queda de luz, pois a cidade naquela época dependia de dois motores a diesel que produziam energia elétrica na Carioca, localizada no Largo Fagundes, além das deficiências técnicas dos projetores de baixa qualidade. As constantes quedas de energia, que provocaram a paralisação contínua das projeções, é que afastava os espectadores de determinado cinema. Ninguém gostava das paralisações. Batiam palmas, assobiavam, chamavam o cinema de “pulgueiro” e por ai a fora. A sala perdia a confiança dos espectadores, que não voltavam.

Eram problemas comuns, os jornais criticavam, e alguns cinemas faziam propaganda e publicidade afirmando que o seu cinema tinha a melhor qualidade. Era o que fazia Orlando Simas, proprietário do cinema Internacional.

“O Internacional é o único cinema que exhibe fitas que não arrebetam e com uma projeção fixa”, estampava a propagando nos jornais “O Estado” e “A Gazeta”.

Com a evolução técnica e novos equipamentos para exhibir e produzir, o cinema deixou ser um mero espetáculo circense e passou a ser visto como uma indústria de diversão. Era o início da estrutura rígida e da competência empresarial. Assim o cearense Severiano Ribeiro Júnior, dono de um verdadeiro império de salas de cinema do Nordeste ao Rio de Janeiro, passou a ser um exemplo de competência. A tendência nacional era seguir seus passos. Assim, as salas de exibição da ilha começaram a ficar nas mãos de poucas pessoas.

A realeza invade o cinema

Imperial, Rex e Royal tinham algo em comum: os nomes. Inspirados nos das salas norte-americanas e cariocas, coincidentemente todos reportavam à realeza. No final da década, seus donos criaram uma empresa que acampou todas estas salas e criou um circuito de cinema. Ele ficou conhecido como “Real circuito cinematográfico” e englobava todas as salas de cinema de Florianópolis, que ficaram conhecidas como Cine Coroados.

Juntas, conseguiam melhores acordos com os distribuidores, aumentavam a rentabilidade e os lucros. Matos Azevedo, distribuidor instalado em Curitiba teve que ceder as propostas dos sócios do circuito Real. Formando um conglomerado os cinemas da ilha podiam organizar-se e acertar horários, dias e exhibições, fitas, sucessos, etc. Imperial, Royal e Rex, e mais tarde o Odeon, faziam parte do circuito. Iniciava-se assim uma nova era.

O TAC volta a ser cinema

A primeira empresa a se candidatar ao novo mercado e as novas formas de administração dos cinema foi a firma Moritz e Macuco. A empresa reabriu o Cine Internacional, localizado na rua João Pinto, como Cine Glória. Era uma nova tentativa de Epônimo Macuco e a entrada de João Moritz, pai de Charles Edgar Moritz, no mercado de cinemas de Florianópolis, que acabou não dando certo. Mais tarde Moritz se associou a dois funcionários dos Correios e Telégrafos, Admar Gonzaga e Willy Kersten, que também eram fãs de cinema e queriam participar dos negócios mais modernos da cidade.

O cinema desta empresa recebeu o nome de Imperial e ocupou o lugar do Cine Glória. A sala permaneceu neste local, com este nome, por quarenta anos. No mesmo período, a família Capela convenceu a cura a ceder a sala do antigo Centro Popular da igreja, onde instalaram o Cine Odeon. Ainda na época o Teatro Álvaro de Carvalho, tomado pela prefeitura após o incêndio do Paramount, foi arrendado pelos primos Álvaro e Eurico Tolentino, que lá instalaram o Royal.

A galinha recheada

Willy Kersten, sócio de Admar Gonzaga - hoje nome da estrada de acesso a Lagoa da Conceição - era conhecido como um homem muito espirituoso e de um humor fora do comum: era um gozador, como se dizia na época. Ele e seu sócio eram proprietários do Imperial por que gostavam muito de cinema, assim como gostavam muito de crianças. Nas sessões da sala da João Pinto, eles faziam promoções nas sessões destinadas a crianças, geralmente nos finais de semana. Uma delas era colocar uma galinha de brinquedo recheada de pacotes de balas, que as crianças podiam apanhar de graça antes de se dirigirem para as poltronas. Eles nunca sabiam se a garotada vinha ao cinema por causa do filme ou por causa dos pacotes de bala.

Depois os dois resolveram diversificar seus negócios e fundaram a loja chamada Casa América, localizada onde hoje funcional as lojas Pernambucanas na rua Trajano. Mais tarde, com desentendimento entre eles e Tom Wildi, venderam o Imperial e se desligaram dos Cine Coroados, desfazendo a sociedade. Admar Gonzaga fundou a construtora A Gonzaga, a primeira empresa de construção civil de Florianópolis e responsável pelo erguimento dos primeiros prédios na cidade. Morreu e virou nome de rua.

O Palácio dos Sonhos

Em 1935, passavam-se 40 anos desde que os irmãos Lumière tinham inventado o cinematógrafo. Em menos de 40 anos o cinematógrafo transformou-se num sucesso e numa indústria rentável. Inventores, picaretas, atores, produtores, uma infinidade de pessoas nunca podiam imaginar que aquele invento chegaria onde chegou, rendendo tanto dinheiro para os envolvidos com sua indústria. Os irmãos Lumière não podiam imaginar que o seu invento pudesse provocar o erguimento de uma cidade no estado da Califórnia, nos USA. O mundo passou a ser visto de outra maneira, e não se passara nem mais do que 40 anos.

O cinema se expandia como diversão, indústria e negócio. Em Florianópolis, na metade da década de 30 havia gente que sonhava em ser dono de cinema, entrar no mundo dos negócios da diversão. O arquiteto Tom Wildi, que possuía um próspero negócio de material de construção decidiu, também, investir no cinema e convidou para a empreitada Ernesto Rickenbach, industrial e cônsul da Alemanha na cidade, além do amigo Osselson Sousa.

Conversaram com José Daux, um descendente dos sirio-libaneses que imigraram para a cidade no início do século, e arrendaram o prédio dos Dauxs na Arcipreste Paiva, instalando ali o cinema Rex. Com uma estrutura moderna, aparelhagem de última geração, o Rex era o máximo que já havia aparecido em matéria de cinema na ilha.

Tudo foi importado da Alemanha e, quando o navio que trazia os equipamentos atracou no cais da família Hoepcke, foi uma festa. Ele trazia o que de mais moderno havia em tecnologia - a máquina Fonocinex que seria instalada

na nova sala. A cidade viveu a expectativa de que os onze contêineres onde foram transportados os componentes fossem desmontados, acompanhando pelo rádio e pelos jornais o trabalho do engenheiro José Garcia, que veio da Espanha especialmente contratado pela Fonocinex e pela família Wildi para instalar no novo maquinário. O Rex depois de pronto ficou conhecido como o “Palácio dos Sonhos”.

O fim

No início dos anos quarenta, contudo, o Real Circuito Cinematográfico acabou dissolvido. Tom Wildi, a família Capela, os Tolentino, Gonzaga e Willy Kersten tiveram um sério desentendimento, que acabou com o interesse de alguns deles em continuar no ramo. Como todos eram na teoria sócios de todas as salas, problemas com quantias e percentagens parecem ter sido a causa da dissolução do circuito. Na época, Kersten, Gonzaga e Eurico Tolentino tinham comprado as partes de Rickenbach e Oselon Souza no Rex, o que pode também ter causado divergências entre os sócios dos Coroados. Só se sabe que a amizade entre Gonzaga e Kersten foi abalada, e a briga entre eles e Wildi, séria.

No fim, o único que permaneceu com os Coroados foi Eurico Tolentino - que acabou, por um tempo sendo o “rei” dos cinemas de Florianópolis.

Rir para não chorar

O filme “Paixão de Cristo” era um grande sucesso do Cine Imperial. Era reprisado em toda comemoração da Semana Santa. Os festejos sempre despertaram o interesse da população católica da ilha. O filme contava a vida e o sofrimento de Jesus Cristo, numa representação luxuosa de longa metragem, que público não se cansava de rever.

Moriguti era uma figura folclórica da Ilha, vivia cometendo gafes, e uma delas, inesquecível, aconteceu numa dessas reprises do filme. Sujeito turrão, se desentendia sempre com os garotos que brincavam perto da sua casa. Ele era capaz de tudo para disfarçar que era analfabeto. Sentava-se no beiral de casa e abria o jornal, fazendo de conta que estava lendo. E algumas vezes todos notavam, menos ele, que o jornal estava de ponta a cabeça!

Quando ia ao cinema, pagava a entrada de um garoto da vizinhança, conhecido como Galeguinho, para que ele lesse e lhe interpretasse as lendas que apareciam na tela. Um dos momentos mais emotivos de “Paixão de Cristo”, o calvário, enchia de emoção toda a platéia. A cena emocionou Galeguinho, que era impelido pelo impaciente Moriguti, a traduzir os diálogos. E insistia:

- O que eles estão falando?

Perguntou o angustiado Moriguti.

-Agora ri!

Exclamou o desatento Galeguinho.

E Moriguti caiu na gargalhada, enquanto todo o público chorava.

O popular

Os cinemas Coroados eram freqüentados por pessoas simples, que gostavam de *western* e chanchadas. Os tiroteios protagonizados por astros como Buck Jones, Tom Mix, John Wayne ou Kirk Douglas lotavam o cinema. Ninguém sabe dizer quando e quem, mas conta a lenda que numa destas sessões, um espectador, perturbado pelo barulho dos tiros disparados pelos personagens, levantou-se e retribuiu os tiros, da poltrona “mandou bala” contra a tela!

Este tipo de público era atraído, também, pelos seriados que eram apresentados aos sábados no Cine Odeon e mais tarde no Cine Roxy. Os mesmos filmes e seriados cheios de violência e emoção eram reprisados domingo no Cine Imperial.

“Buck Rogers”, “Flash Gordon”, “Sombra” e “Império Submarino” eram os filmes preferidos pela garotada e por alguns marmanjos que gostavam de freqüentar as *matinées*.

As pessoas que formavam este tipo de público também se divertiam com as cenas das “chanchadas” produzidas pelo estúdio da Atlântida e com os filmes da Cinédia, dois estúdios cariocas.

Oscarito, Grande Otelo, Ankito, Zezé Macedo e Costinha eram sinônimo de dinheiro no caixa para os proprietários dos cinemas da ilha. Era só apresentar um filmes destes que a casa lotava. Foi o que consideraram, mais tarde, a era de ouro do cinema nacional.

A fase de Ouro

A fase do cinema em Florianópolis em que os cinemas coroados “reinaram” coincidiu com a chamada época de ouro do cinema de Hollywood. O público entupia os cinemas em todas as partes do mundo dos anos trinta até o fim da década de quarenta.

Os filmes eram bons, caprichados, e realmente mexiam com a emoção do espectador. A Segunda Guerra Mundial gerou centenas de filmes que lidavam direta ou indiretamente com o assunto. Era a época das grandes estrelas, então propriedades dos grandes estúdios: Humphrey Bogart, James Cagney e Ingrid Bergmann faziam a alegria da Warner Brothers; Betty Davis era a “malvada” que transformava filmes em rios de dinheiro para Fox; Ginger Rogers dançava com Fred Astaire e gerava mais dinheiro que as pessoas pudessem imaginar. Eram protagonistas dos grandes musicais da MGM.

O filme “E o Vento Levou” foi recordista de bilheteria em todos os lugares por onde foi exibido. Para ver Clark Gable e Vivian Leigh, provocavam em frente aos cinemas filas que dobravam quarteirões. Foi o maior público que o Cine Rex presenciou e que a cidade assistiu até fosse exibido o filme brasileiro “Dona Flor e seus Dois Maridos”. Muitos filmes marcaram época na cidade como o que levou um grande público como “A Song to Remember”.

“Casablanca”, com seu enorme sucesso, acabou revelando o perfil da sociedade local. Nos cinemas do Rio e São Paulo testemunhou-se as repetidas reações que o filme provocava onde era apresentado, ao aparecer a cena em que “os funcionários e fregueses do Café Rick’s entoam patrioticamente a Marselhesa”. O público aplaudia de pé os atores e figurantes, cantando o hino da França.

Por causa disso, quando a fita foi exibida no Rex, todos aplaudiram de pé, emocionados. “Só fizeram isso porque era um exemplo de *finesse*”, alfineta João Neves, um antigo inspetor de cinema da empresa Matos Azeredo, distribuidora dos cinemas na cidade.

A Mãe do Beirão

Às vezes, os cinemas da cidade apresentavam documentários especiais. Um destes documentários acabou causando um constrangimento a uma das famílias mais tradicionais da cidade não só pelo tema, mas pela história criada em torno das imagens do filme. O documentário abordava um assunto tabu: doenças venéreas.

O filme foi exibido no Cine Odeon, então instalado no Álvaro de Carvalho. As cenas exibidas eram fortes: vaginas em close, com corrimento, detalhes e mais detalhes; um pênis deformado pelo cancro, etc.. As cenas enchiam a tela. A platéia assistia espantada a exibição daquelas cenas. Naquela época, antes dos filmes pornô de agora, mostrar detalhes da anatomia humana eram considerado ousado demais. Homens e mulheres assistiram as projeções em sessões separadas.

O aspecto do teatro descuidado casava com o tema do filme que naquela época era tratado como sujo. O TAC era um dos cinemas mais sujos e mal cuidados. Sua platéia costumava abrigar muita gente sem educação e com atitudes inconvenientes. A geral, que ficava na parte de cima, com seus preços populares abrigava o que se chamava de um público composto de baderneiros, gente inconveniente que gostava de fazer piada em tudo que via. Cuspiam nas pessoas que estavam em baixo na platéia, jogavam resto de comida e bolinhas de papel, pareciam um bando de adolescentes indo ao cinema pela primeira vez.

O cinema ainda possuía os banheiros localizados na parte de baixo e, dependendo da orientação do vento o cheiro das privadas invadia a sala de exibição e tornava o lugar insuportável. Mas este tipo de programação, pela novidade, pelo ineditismo, atraía muita gente.

Formavam um ambiente propício as baixarias que prosperavam a cada sessão "científica". Numa destas apresentações sessões estava presente um membro da família Beirão, dono de uma loja que negociava com artigos de couro, localizada na rua Tiradentes e famoso pelo tamanho da sua barriga. Lá pelas tantas, aparece na tela uma grávida, e alguém da geral grita:

-Olha a mãe do Beirão!

O filho, que estava na platéia, não se conteve e devolveu:

-É a tua, filho da puta!

Como num filme

Jorge Daux queria apenas alugar e fez uma oferta para comprar o prédio. O padres acabaram aceitando o contrato de arrendamento que Jorge Daux levava no bolso. Em 1944, Jorge Daux abria o seu segundo cinema e o chamou de Cine Roxy. Assim ele iniciou um negócio: proprietário de cinema.

Em 1945, Daux resolveu ampliar seus negócios para o continente e no Estreito inaugurou o primeiro cinema do bairro, que chamou de Cine Glória. Era uma sala pequena, bonita e por muito tempo foi considerada a melhor do bairro. Nos primeiros anos lotava. A grande frequência fez com que Jorge Daux decidisse por instalar uma nova sala no continente: o Cine Império, que passou a ser bem freqüentada.

Mas o grande sonho de Jorge Daux foi realizado 10 anos depois. Em um terreno que adquirira na rua Padre Miguelinho, atrás do Cine Ritz, próximo ao Roxy ele decidiu construir o maior e mais moderno cinema da capital. Sua intenção era construir um cinema que rivalizasse com os melhores cinemas do Rio e São Paulo. As obras duraram dois anos. O tempo suficiente para que o Cine São José fosse inaugurado.

O novo cinema era dotado de majestosos projetores modelo *Gaumont-Kalleer 21*, de fabricação inglesa, “o melhor do gênero” e para a platéia Jorge Daux mandou instalar 1.000 poltronas da marca *Brafor*, “reclinadas e estofadas, o que de melhor existia no momento no país”. O novo cinema, que se chamava Cine São José, foi inaugurado dia 21 de julho de 1954.

“Numa cerimônia simples, mas bastante sugestiva, foi entregue ontem ao público da capital e do interior, o luxuoso ‘Cine São José’, na casa de espetáculos que, conforme já acentuamos uma vez, nada fica a dever aos melhores cinemas do país.” dizia o jornal “A Gazeta”.

“...Hoje já temos um cinema em Florianópolis. Um cinema com ‘C’ maiúsculo”. “Ricas cortinas em damasco grenat, tapetes em cores marrom, com adornos amarelos, confortáveis poltronas na sala de espera, folhagens dispersas, bonitos cinzeiros... aparelhos mecânicos de renovação de ar, europeus, renovavam, a cada quatro minutos, todo o ar contido no salão de espetáculos.”

Todos os elogios eram endereçados ao São José e a família de Jorge Daux. Havia até quem associasse o novo cinema a um surto de “modernidade”. O jornalista Osvaldo Mello incluía, num texto elogioso, a obra do engenheiro J. Costa Moellmann e do arquiteto Willem R. Rau, entre os exemplos da “nova Florianópolis”.

O Cine São José era uma das “construções obedecendo a moderna engenharia” que proliferavam na ilha. Na verdade, Moellmann e Rau construíram o cinema com um projeto idêntico aos que já tinham erguido em Curitiba (o Ópera), Laguna (Cine Mussi) e Lages (Marajoara), sem obedecer a “modernização” da cidade.

O jogo e o cinema

Um dos vícios que as famílias sírio-libanesas que moravam em Florianópolis costumavam ter era o de não terem limites quando sentavam numa mesa de jogos de azar. Muitos de seus integrantes perderam fortunas nas mesas de carteados. Um deles foi Miguel Daux, irmão de Jorge e filho de José. Perdeu tanto dinheiro na “jogatina” que quase abalou as finanças da empresa e da família. A situação parecia irremediável: a empresa estava indo para o “buraco”, até que o *gentleman* Jorge Daux resolveu recuperar o caixa da família, dedicando-se mais ao trabalho. Depois de muito esforço os Dauxs recuperaram as finanças.

Jorge, que gostava de futebol - seu filho Gito foi presidente do Avaí no início da década de 70, e junto com João Salum conseguiu recuperar o time que estava afundado em dívidas -, decidiu homenagear a seleção brasileira de futebol de 1970, e mudando o nome do Cine Império para Cine Jalisco, em homenagem ao nome do estádio em que a seleção brasileira de futebol jogou na Copa do México.

Assim Jorge Daux prestou uma homenagem a Tostão, Pelé, Jairzinho, Rivelino, Gérson, Clodoaldo, Piazza, Carlos Alberto, Everaldo, Brito e Félix componentes da seleção brasileiro de futebol tri-campeã no México. Jorge Daux estava apenas seguindo o caminho da euforia que dominou a torcida brasileira no ano de 1970.

O grande sonho

A Família Daux resolveu apostar tudo na construção de um Centro Comercial de Turismo, que começaram a construir em frente ao Cine Ritz. Era um empreendimento ousado, um grande complexo de lazer e turismo, que, além de sediar um hotel luxuoso, teria ainda lojas, restaurantes e um cinema. O cinema deveria ser chamado Cecomtur e seria o mais moderno até então. No entanto, o que parecia ser a realização de um sonho, se transformou num pesadelo. A sedimentação definitiva dos Daux na economia da cidade significou a sua falência.

Tomaram dinheiro emprestado na Caixa Econômica Federal, no Banco do Brasil e incentivos da Embratur. O milagre brasileiro terminou, e, sem ele, os problemas começaram a surgir para a família Daux. A obra, apesar da boa situação financeira da família Daux, gerava grandes despesas que não eram cobertas pelas bilheteria dos cinemas. Os juros se transformaram numa bola de neve, aumentando a dívida, e para completar o pesadelo a obra foi embargada. As autoridades só permitiram que o cinema e um pequeno estacionamento pudesse

funcionar. O novo cinema, o Cine Cecomtur, foi aberto numa época em que a TV era instalada na cidade, e suas imagens em cores se transformaram numa realidade. O rendimento das bilheteiras não conseguia pagar as contas da obra.

Sem dinheiro, o projeto teve que ser abortado e a família foi definitivamente à falência. Atualmente Gito Daux, filho de Jorge, ainda possui alguns imóveis no centro da cidade. O cinema São José foi vendido à Mário dos Santos que passou a explorar o "cinema" na capital com o arrendamento do Cine Cecomtur e com a compra do Cine São José. Hoje Mário arrendou o São José para a Universal do Reino de Deus, possuindo suas salas nos Shopping Beiramar na capital e Itaguaçu em São José.

O Cine Ritz, ou melhor, o prédio onde funcionava o cinema, ainda pertence a família, que o alugou para que a Igreja da Renascer em Cristo. Onde a cidade de Florianópolis assistiu a "Paixão de Cristo", "Quo Vadis", O Manto Sagrado", onde Marilyn Monroe mostrou toda a sua sensualidade, onde o Diabo Criou a mulher e o mostrou em forma de Brigitte Bardot, boa parte da cidade hoje procura a salvação eterna.

O prédio onde deveria funcionar o Centro de Lazer Cecomtur, foi confiscado pela Justiça Federal para cobrir as dívidas da família com os empréstimos junto a CEF e BB. O local onde funcionava o Cine Cecomtur, que foi fechado em 1990, serve hoje de auditório da instituição.

A família Daux desiste

A família Daux desistiu de explorar os cinemas na cidade em meados da década de oitenta. O primeiro prédio a ser vendido foi o do São José, que foi adquirido pela empresa Arco-Íris, com sede em Lages e pertencente a Mário dos Santos. A empresa Arco-Íris aproveitou e arrendou outras salas da família, como o Cine Ritz, o Cine Cecomtur, O Cine Coral (que foi transformado em uma fábrica de sabão, até que foi reaberto com o nome de Cine Carlitos, e mais tarde transformado em supermercado) e, por último o Cine Jalisco, no Estreito. O Cine Glória já havia sido vendido para o empresário Fernando Fontes, que reformou o prédio e o transformou na boate Scala. Hoje funciona ali uma loja de eletrodomésticos.

O Cine Cecomtur foi fechado em 1990; o Cine Carlitos em 1992; o Cine Ritz, depois de um período como cinema pornô, virou uma igreja, e o Cine São José funcionou até 1993 quando também foi transformado em templo. O Cine Jalisco teve seus dias de cinema pornô, antes de fechar; hoje é a boate Metrô.

Jorge Daux faleceu e Gito Daux, seu filho, tenta administrar a massa falida da empresa que por duas décadas reinou como um monopólio da indústria do entretenimento. Mas o sonho de possuir um hotel cinco estrelas acabou e hoje resta um estacionamento e o prédio do Cine Ritz, aliás Igreja Renascer em Cristo.

Como um sonho, a fantasia que é o cinema - tentando imitar a realidade -, a saga da família Daux, desde a imigração para o Brasil, do comércio às salas de cinema e terminando em Igrejas Evangélicas, poderia servir de enredo e roteiro para um filme, daqueles de atrair um grande público. Como nas décadas de 50 e 60, quando os Dauxs detinham um poder que não teve um final feliz.

Os Dauxs: uma nova família entra no cinema

A grande imigração árabe-siro-libanesa para o Brasil, que ocorreu a partir do século passado, transformou o comércio de muitas cidades brasileiras. Os negócios foram incrementados pela presença destes imigrantes, tradicionalmente comerciantes. Em Florianópolis, a presença dos “turcos” não foi diferente e as famílias Salums; Amins e tantas outras formadas por imigrantes sírio-libanesas transformaram-se em fator de importância no desenvolvimento do comércio da cidade. A maioria destas famílias tiveram grande participação no mercado e comércio varejista da ilha.

Tradicionalmente, os “turcos” como são conhecidos até hoje, eram grandes negociantes. Faziam dinheiro com produtos caros, que tinham grande procura e aceitação na comunidade economicamente ativa da cidade. O comércio de tecidos era um dos preferidos dos “turcos”. Peças importadas davam bom lucro, principalmente tecidos ingleses vendidos por baixo do balcão. Era um tempo em que as pessoas costumavam mandar fazer roupas nos grandes alfaiates da época como Abraão, Lenzi e Zé Silva ou até mesmo em casa, daqueles que não dispunham de muitos recursos.

Entre estas famílias de “turcos” comerciantes estava a família Daux. Descendentes de sírios-libanesas que vieram tentar a sorte no novo continente, na América. Os “brimos”. A família Daux terminou se dividindo em dois ramos de negócios. Uma tentou a sorte no ramo de eletrodoméstico, depois na construção civil e mais tarde em hotelaria; a outra, seguindo a tradição, procurou o comércio varejista.

Os Daux eram, inicialmente, proprietários de uma loja localizada na rua Conselheiro Mafra, onde vendiam tecidos e grandes rádios valvulados da marca holandesa Phillips, um equipamento moderno e de grande aceitação naquela época. Vendendo rádios, de qualquer forma já estavam entrando no negócio de entretenimento.

Com o capital adquirido na venda à varejo, os Daux compraram boa parte do imóveis localizado no hoje centro histórico da cidade, principalmente os terrenos e casas localizadas em volta da catedral. Um destes prédios, localizado na Rua Arcipreste Paiva e de propriedade dos Daux, passou a interessar ao arquiteto Tom Wildi e seus sócios: Ernesto Rickenbach, industrial e cônsul alemão e Osselson Souza, que tinham se unido para instalar uma sala de exibição de filmes cinematográficos na capital.

Chegaram a um acerto e José Daux, o patriarca da família, arrendou o prédio para que os três sócios pudessem instalar um novo cinema na cidade, que ganhou o nome de Cine Rex. O novo cinema e o que ele gerava de dinheiro, chamou a atenção de José Daux e sua família.

A sala de cinema localizada no seu prédio, naquela época, tinha uma frequência excelente e o Cine Rex, que era considerado o melhor da cidade, atraía cada vez mais público e dinheiro. Aquela era a época de ouro de Hollywood. Durante oito anos, o Cine Rex foi teve duas administrações: primeiro os sócios Wildi, Rickenbach e Souza e depois Eurico Tolentino, Willy Kersten e Ademar Gonzaga, que ganharam muito dinheiro com o cinema - instalado *no prédio da família*.

José Daux, observando aquilo e fazendo contas, um belo dia indagou a si mesmo:

- "Porque não ganhar dinheiro com cinema?"

Tomou a primeira providência: não renovou o contrato de aluguel que havia terminado no dia 31 de dezembro de 1942. Naquela época, Eurico Tolentino administrava o cinema e José Daux não renovou o aluguel. Ao contrário, realizou algumas reformas: colocou poltronas novas; mandou fabricar novas cortinas; construiu um túnel para facilitar a saída de pessoas pela rua Padre Miguelinho, e passou, ele mesmo com sua família, a administrar o Cine Rex que, a cada dia que passava, ganhava uma nova arquitetura. Depois das reformas o prédio do velho Cine Rex dispunha de um local em que as pessoas podiam entrar e sair sem os atropelos e tumultos causados quando da exibição de filmes de sucesso, como "O Ébrio", estrelado pelo cantor Vicente Celestino.

As novas instalações e reformas do Cine Rex terminaram no dia 15 de abril de 1943 e sua inauguração não teve festa com pompa. Foi uma solenidade discreta, sem muitos gastos e assim o velho Cine Rex passou a se chamar Cine Ritz. Agora propriedade da Sociedade Cinematográfica Brasileira Ltda., é criada e administrada pela família Daux.

Um fato marcante e pitoresco quando da construção do túnel do Cine Ritz, que obrigaria o público a sair pela rua Padre Miguelinho, foi a descoberta que aquele terreno abrigava um antigo cemitério. onde os integrantes da irmandade do Santíssimo Sacramento eram enterrados. À medida em que as obras do túnel iam avançando, os operários encontravam os ossos, provavelmente de frades

indigentes. Osmar Silva, empregado que a empresa da família Daux herdou dos sócios anteriores que exploravam o velho Cine Rex é que conta, exclamando no final:

- "Era cada osso grande que vou te contar"!

O Cine Ritz, agora, era o melhor cinema da cidade, e a sociedade da ilha, que via com certo desprezo as salas de Eurico Tolentino, passou a frequentá-lo. A situação provocou um abalo nos cinemas Coroados, que começou a perder público e dinheiro. As distribuidoras de filmes estavam, agora, atraídas pela sala da família Daux e queriam exibir os melhores filmes no local, que no início só tinha contrato com as empresas Metro e United Artists. Os Daux descobriram que era muito mais fácil ganhar dinheiro como cinema do que vender armarinho, fazenda e rádio com válvulas.

O Cine Odeon trocou o Centro Popular pelo TAC, depois que o Royal foi fechado, no fim dos anos trinta. A administração da igreja, da Cúria Metropolitana, decidiu manter fechado o salão que era usado para a projeção de filmes e de espetáculos. Mas Jorge Daux, filho de José, se interessou pelo local e colocou na cabeça que deveria abrir no local mais uma sala de cinema.

Os padres custaram a ceder. Jorge Daux insistiu e depois de muita choradeira, sem conseguir alcançar o resultado que desejava, Jorge Daux jogou sua última ficha, perguntando aos padres.

- Não querem vender o prédio?

“Buck Jones” morre na miséria

Nêgo Célio era um sujeito alegre e brincalhão. Uma figura folclórica da Ilha enquanto viveu. Além de ser o operador de cinema mais famoso, de transportar as latas de filmes em sua bicicleta pela cidade foi, também, o porteiro de boate mais famoso e duro que a cidade conheceu. Com um coração enorme às vezes se deixava enganar ou cometia alguma gafe.

Durante o dia era visto pelas ruas da cidade andando na sua bicicleta, com a qual carregava as latas de filmes de um cinema para outro, ou para agências de ônibus. Seu trajeto principal era o , então na esquina das ruas Hercilio Luz e Mauro ramos..

Começou a trabalhar nos cinemas Coroados com Eurico Tolentino, e logo ficou conhecido como o “Buck Jones”, nome que retirou de uma famoso artista norte-americano das antigas séries de “faroeste” ou bang-bang. Era dono de uma personalidade única. Humilde, era no entanto muito orgulhoso, e por isso se achava, como se dizia naquele tempo, “o bom”, o dono do mundo. Era comum se atrasar porque esquecia do tempo e ficava nas esquinas conversando ou nos botecos bebendo. Quando isto acontecia os espectadores ficavam impacientes, reclamava, assobiavam justamente na hora que ele chegava. Era a glória. Todos aplaudiam em protesto e Célio respondia belo buraco da sala de projeção.

- Eu sou a pessoa mais importante deste cinema. O filme só começa quando eu chego. Então esperem. A sessão só começa quando eu quero.

Racismo

Uma vez Jorge Daux , então dono dos cinemas onde Nego Célio trabalhava, teve que ir a Brusque a negócios. Levou junto seu filho Gito Daux e o “negrão”. Brusque era uma cidade pequena, colonizada por alemães e belgas. Racista, a cidade não sabia como tratar os negros. E nem Jorge Daux sabia como agir. Era a primeira vez que levava o “negrão” a Brusque.

Jorge Daux não sabia se os “galegos” serviam negros nos restaurantes ou nas casas de comida. Com medo de ver seus negócios prejudicados deixou o Nêgo Célio dentro do carro e só comeu depois que Gito lhe serviu, indo buscar a comida no restaurante e levá-la no carro. Foi a glória para o Nêgo Célio: ser servido pelo filho do patrão! Mesmo com o constrangimento, com o qual estava acostumado e não dava bola. Afinal, naquele tempo havia bailes para brancos - onde negro não entrava - e bailes para pretos - onde brancos não entravam.

“Buck Jones” conta em inglês

De tanto lidar com as fitas, que traziam algumas palavras em inglês, Célio aprendeu a contar no idioma: one, two, three... Certa vez, quando trabalhava no cinema Imperial, Nêgo Célio teve que projetar um filme com 12 latas, ou 12 partes. Pegou os rolos e colocou na ordem. Primeiro projetou a fita “one”; em seguida a “two” e assim foi até a lata de número “ten” (dez em português).

Com a lata “ten” ele achou que tinha terminado o filme. As outras duas latas que sobraram, pensou ele, deveriam ter sido algum engano da distribuidora. A platéia ficou esperando a continuação do filme. Esperava a troca de lata no projetor, uma atitude muito comum naquele tempo.

E nada.

Palmas, sapateado e assobios.

E nada.

Célio pensou que “onze” deveria ser escrito em inglês “one-one” e não entendeu o eleven e twelve, que estavam escritos nas duas latas.

Porteiro de Boate

Jorge Daux resolveu diversificar seus negócios e abriu uma casa noturna que se chamava Boate Plaza, depois arrendada pelo atual técnico de futebol Lauro Búrigo. A boate funcionava atrás da catedral e o porteiro passou a ser Nêgo Célio, fantasiado de general, portando quepe e luvas brancas. Ele controlava a entrada e era difícil de passar uma conversa naquele porteiro engalanado.

Certa noite, já de madrugada, lá pela uma da manhã, chegou um grupo de engenheiros que estavam morando há pouco tempo na cidade. Entre eles Adroaldo, que era conhecido pelo apelido de “amostra grátis” por causa do seu tamanho. Quando abriu a porta para que todos entrasse Célio deu de cara com Adroaldo e não pensou duas vezes:

- Criança não entra, é proibido.

Adroaldo teve que dar muitas explicações para convencer o “negrao”, que acabou cedendo. Mas só foi perdoar o Nêgo Célio quando descobriu que ele havia morrido em 1981, de câncer na garganta e em plena miséria.

O oculista

Os moradores de Florianópolis ainda não conheciam e nunca tinham visto imagens na televisão. Mas as inovações do cinema americano geradas pela queda de audiência, atribuída ao surgimento da TV, chegavam com rapidez e em grande estilo. No Ritz, o filme “**O Manto Sagrado**”, da Fox, o primeiro rodado em *cinemascope* foi exibido com grande sucesso. O recurso técnico da projeção em *cinemascope* dava relevo às imagens e funcionava, admiravelmente, em grandes produções, nas quais os diretores usam uma quantidade enorme de planos abertos.

Mas os operadores não gostaram da novidades. Além de ter que aprender novas técnicas de projeção, tinham que sair da rotina. Depois de todo o serviço que deveriam fazer, precisavam aprender a utilizar os novos inventos, usar uma nova tecnologia.

O operador do Cine Ritz era Osmar Silva, que demonstrava uma certa paciência para aprender e ainda era dono de uma boa visão. A técnica do *cinemascope*, na verdade, era uma justaposição de imagens, para a qual se utilizava um conjunto especial de lentes. O filme era projetado por três projetores colocados a uma certa distância um do outro. Era necessário dominar os ajustes das lentes especiais dos operadores, além de superar as dificuldades para dar nitidez às três imagens sobrepostas na tela. Todo este trabalho que antecedia a exibição de um filme em *cinemascope* era realmente desgastante.

Logo apareceram novas técnicas criadas por outros estúdios como Vistavision, Super Panavision, até chegar aos filmes produzidos em terceira dimensão... Como consequência de todos estes processos, a visão dos operadores foi seriamente afetada. A visão de seu Osmar Silva não fugiu a regra. Até hoje ele usa óculos com grossas lentes, herança dos tempos de cabine. Os oculistas e óticas da cidade fizeram fortunas por causa das novas tecnologias. Isto voltou a ocorrer quando da implantação da televisão na cidade, mas isto é outra história.

O censor que dormia

A censura nunca foi severa em Florianópolis. No início por que a “picotagem”, ou a proibição da exibição das obras, era feita no Rio de Janeiro e depois em Brasília, antes que os filmes fossem distribuídos em todo o território nacional. A censura na ilha era feita pelo juizado de menores, que se preocupava mais em proibir uma obra que considerava “despudorada” ou ofensiva á moral do que com violência e a subversão.

Seu Osmar ficava enraivecido quando apareciam os juizados de menores exigindo a projeção dos filmes antes que fossem mostrados ao público. Ele era obrigado a projetar o filme em uma sessão exclusiva, durante o período da tarde, para que os censores analisassem a obra ou as obras. E ele não gostava nem um pouco deste trabalho extra. Os juizes e agentes de menores eram, muitas vezes, grosseiros e mal-educados. Um deles costumava dormir durante a exibição do filme acirrando ainda mais os ânimos entre a autoridade e o operador.

- Assim não dá! Fico aqui passando o filme fora do meu horário de trabalho e o senhor vem para o cinema dormir, esparramado na poltrona! Esbravejava Osmar.

O censor que dormia entendeu o recado e chegaram a um acordo. A partir daquele dia Osmar exibia somente as três primeiras partes (rolos) e a última. Como nenhum dos dois queria nada com nada, se aparecesse uma parte do filme que atentasse ao pudor o jeito era encontrar uma desculpa. Assim, Seu Osmar encontrou uma fórmula de dispor de mais tempo livre e não ter que projetar os filmes em horários especiais até o fim.

No tempo da Ditadura

Durante o período do Regime Político Militar a situação tornou-se mais complicada. Os filmes já vinham censurados de Brasília, e só algumas vezes os censores da Polícia Federal intervinham em Florianópolis. Quando isto acontecia eram rigorosos e exigentes. Quem conta é Gilberto Gerlach que exibia filmes de arte no seu cineclubes.

- Nas poucas vezes que tive que ir a Polícia Federal, para mostrar os filmes, fui mal recebido e humilhado. Os censores que faziam as análises pouco observavam os filmes. Na verdade o que faziam era provocar-me, porque não atendiam a linguagem dos filmes de arte ou por causa do meu tipo despojado, típico da juventude da década de 60.

Como o cineclubes atendia um círculo de pessoas muito restrito, havia várias maneiras de conseguir exibir os filmes para os associados e convidados, sem que Gerlach fosse necessária a autorização da Polícia Federal, sem que fosse obrigado a passar pela censura.

A decadência por causa da TV

A televisão chegou em Florianópolis no ano de 1969 e com ela a cidade sempre foi considerado o inimigo número um do cinema. A TV acabou com a alegria dos grandes estúdios. Com o advento da TV eles foram obrigados a investirem muito dinheiro não só em filmes, mas em tecnologia e promoção. A TV deixou as cidades por onde passou vazias. As noites e finais de semana nas pequenas cidades transformaram-se em desertos.

A possibilidade de se divertir assistindo imagens em movimento e som de graça, ainda mais na sala de estar da própria casa, parecia um sonho que agradou, e ainda agrada, a maioria da população das pequenas e grandes cidades.

Mas nem todos concordam com esta visão. Alice Gonzaga, em seu livro *Palácios e poeiras: 100 anos de salas de cinemas no Rio de Janeiro*, acredita que a própria mudança de comportamento da sociedade e o desenvolvimento estrutural das cidades contribuiu muito para a queda de frequência nos cinemas. O escritor paulista Ignácio de Loyola Brandão, no seu livro *Depois do Sol*, descreve sua adolescência na cidade de Araraquara, e sua relação com a televisão, mostra uma visão diferente da de Alice Gonzaga.

Segundo Alice a classe média, a certa altura, deixou de ir compulsoriamente às salas de cinema. Escolhia os filmes por tema, autor, diretor, ator ou atores e gênero. Assisti-los por assistir não era mais interessante, como faziam antigamente, por não terem outra opção de lazer. A classe média passou a dar mais importância às obras cinematográficas. A fantasia do ritual de se abrirem as cortinas, tocarem os tambores ou a música da abertura foi substituída pela escolha do filme.

A postura rebelde e revolucionária dos anos 60, especialmente dos jovens, não aceitava mais o escapismo da realidade provocado pelos filmes americanos como única diversão. Não se podia considerar como uma posição de rebeldia ou de contestação ao cinema, mas deixavam claro que *aquele* cinema simplesmente não preenchia mais suas necessidades, não lhes diziam muita coisa.

Os anos 60 da contracultura, lembra Alice Gonzaga, trouxe também outras formas de diversão, a censura, a falta de liberdade - reflexos do período da ditadura-, as discotecas, etc. Deram à juventude e à classe média outras opções que não só o cinema. Aos poucos, ir ao cinema deixou ser a única diversão para se tornar apenas uma delas.

Seu Osmar acrescenta que a queda da qualidade dos filmes, especialmente americanos, contribuiu para o afastamento do público das salas de projeção. "Ninguém vai ao cinema para ver filme ruim"!

Segundo seu Osmar: "Os filmes deixaram de ser aquela coisa bem feita, luxuosa, e os produtores e diretores começaram a apelar para a exploração da violência e erotismo". Foi a época do interesse que despertou as pornochanchadas de produção nacional ou filmes de ação, exibindo lutas marciais.

Para seu Osmar o filme que fez ressurgir o glamour do antigo espírito *hollywoodiano* foi "O Poderoso Chefão", estrelado por Marlon Brando e Al Pacino. Um filme muito bem feito, luxuoso - e cheio de realismo, refletindo uma época.

O surgimento do vídeo cassete, na década de 80, piorou a situação e diminuiu mais ainda a presença do público. A estréia de bons filmes do momento já não atraía mais, pois podiam ser vistos, em pouco meses depois, em fita magnéticas na tela da TV no conforto das salas da própria casa do espectador e com segurança.

Foi um tempo em que as grandes salas foram sendo substituídas pelos pequenos cinemas, com o público abandonando o centro da cidade e indo aos cinemas de bairros ou confinando-se nos luxuosos Shopping Centers.

Cinema: um sonho

Dia 5 de novembro de 1986, Darcy Costa e Alberto Fermiano exibiam o primeiro filme no Cine Art-7: "Z", drama político dirigido por Costa Gavras. Dia 3 de novembro de 1996, um domingo, apenas um espectador assistia ao filme "O Monge e a filha do Carrasco", obra brasileira dirigida por Walter Lima Júnior. As vésperas de completar 10 anos o Cine Art-7, Darcy Costa, sempre presente no cinema, pergunta ao espectador se ele não se constringe de estar ali sozinho.

A situação do Cine Art-7 é crítica, agravada por diversos fatores, entre os quais o desinteresse das autoridades em dedicar recursos para a manutenção de um cinema alternativo na cidade. Esta situação crítica é superada pelo otimismo e persistência de Darcy Costa e Alberto Fermiano.

Com 70 anos, Darcy Costa diz que começou a se *viciar* em cinema ainda garoto, quando acompanhava os pais até o Cine Palace para ver os novos filmes sonoros, a novidade da época. O amor foi crescendo junto com o menino, e com o tempo Darcy começou a carregar as latas de filmes de um cinema ao outro para poder assistir, de graça, as sessões.

Enquanto carregava as latas alimentava um sonho.

-“Não morro enquanto não abrir um cinema”, costumava dizer. Mais tarde, já quando trabalhava como bancário, entregou-se às crônicas cinematográficas, publicadas no jornal "O Estado", e com o tempo passou a apresentar programas no rádio e TV, falando de filmes e cinemas.

Sua memória se tornou uma autêntica enciclopédia, capaz de recordar os nomes dos filmes que inauguraram as principais salas de projeção da capital. Ele sabe todas as datas, nome de estrelas e de filmes. Quem quiser saber sobre a história do cinema deste século pode procurar Darcy Costa que ele responderá e tirará qualquer dúvida sobre o assunto. Na verdade, gosta mesmo é dos grandes e

antigos musicais, que considera ser sua especialidade. Ainda, hoje com 70 anos, alimenta outro sonho: o de ter um cinema só para exibir os grandes musicais.

Um sonho abortado

Em 1965, Darcy esteve perto de concretizá-lo, chegando a iniciar a construção de prédio para instalar um cinema. O prédio ainda existe e tem as formas para abrigar um cinema, mas na verdade abrigou o almoxarifado do Tribunal de Justiça, no fim da avenida Mauro Ramos, bem em frente a entrada do Instituto Estadual de Educação. O projeto, infelizmente, foi abortado.

Em 1986 encontrou um novo aliado e sócio: Alberto Fermiano. Fermiano foi quem conseguiu viabilizar a instalação e o surgimento do Art-7, que funciona junto ao prédio da prefeitura. Foi graças ao programa de metas culturais do prefeito Edson Andrino que os dois realizaram um velho sonho. O prefeito concedeu a permissão para que os dois explorassem um cinema no auditório da Prefeitura.

Dez anos se passaram e o Cine Art-7 vem sofrendo com problemas vindos de todos lados. Um é a falta de recursos, que impossibilita a modernização da sala, acanhada e sem conservação. Não permite que os assentos que ainda são de madeira sejam trocados por outros mais confortáveis, e até hoje o cinema não dispõe de um aparelho de ar condicionado, fazendo com que o público, durante o verão, preferira o conforto dos cinemas instalados no Shopping Beiramar.

Talvez por estes motivos, as distribuidoras recusam-se a dar preferência ao Cine Art-7. Os filmes novos estreiam no Shopping ou no CIC e só depois de algumas semanas, ou mesmo meses, é que são exibidos no Art-7. O distribuidor do concorrente ao Oscar "O Quatrilho", por exemplo, teimou em dar preferência ao CIC. Contrariado, Darcy procurou o produtor do filme, Luís Carlos Barreto, que até concordou que a situação era injusta. Mas nada adiantou, pois só conseguiu a fita quatro meses depois de sua estréia no CIC..

Otimista Darcy Costa acredita que seu cinema ainda vai conseguir ser um dos melhores da cidade. "O Shopping é um modismo que passa", acredita. "Se o vídeo e a TV não conseguiram acabar com o cinema, ele também não vai com o Art-7", finaliza.

Cineclube e estacionamento

Gilberto Gerlach tem o perfil de cinéfilo - aquele que gosta muito de cinema. Elegante, alto, portador de uma expressão calma e analítica, é aquela pessoa que você olha e imagina-o assistindo, concentrado, um filme do diretor japonês Akira Kurosawa ou do francês Jean Renoir. É muito difícil você imaginá-lo como administrador do cinema, principalmente localizado no Centro Integrado de Cultura, enfrentando todo tipo de problemas que obriga uma pessoa a administrar *qualquer coisa pública*. Agora mesmo, ele enfrenta uma luta contra a instalação de uma empresa de estacionamento no pátio do Centro Integrado de Cultura. Como a empresa cobra R\$ 2,00 pela hora, o frequentador do cine clube administrado por Gilberto Gerlach, que possua um carro, terá que gastar mais de R\$ 9,00, somando as duas horas de estacionamento e o preço do ingresso que está valendo R\$ 5,00.

Segundo Gilberto Gerlach o movimento caiu em 50%, dificultando a manutenção do cineclube e impedindo o aumento de público, já que o Beira Mar não cobra pelo estacionamento de quem vai ao cinema. Gerlach acha que, continuando a exploração do estacionamento e misturando coisa pública com privada desta maneira, o cinema do CIC está arriscado a fechar.

Impressiona a calma e a tranquilidade com que ele conta o caso, e com a qual tenta buscar soluções. Gilberto Gerlach era um garoto que começou a gostar de assistir filmes no Teatro Adolpho Mello, em São José, onde morava. Lembra do tempo em que as pessoas, que moravam no interior do município, invadiam as ruas da cidade com suas carroças para assistirem as *matinéés* projetadas no Teatro.

Muitos anos depois, Gerlach arrendou este teatro e o transformou novamente numa sala de exibição de imagens em movimento. Quando era interno no Colégio Franciscano Santo Antônio, em Blumenau, assistia aos filmes que os padres projetavam e que o levaram, definitivamente, a dedicar-se com gosto ao cinema. O cinema se transformou na principal meta de sua vida.

Como exibidor, Gerlach começou ainda quando estudava engenharia na Universidade Federal de Santa Catarina. Reuniu um grupo de amigos e formou um clube, de nome Cine Clube da Engenharia, isto em 1968. O cineclube exibia seus filmes no auditório da reitoria da UFSC, muitas vezes com sessões lotadas. O Cineclube de Gilberto Gerlach permaneceu com o mesmo nome até o ano de 1975, quando completou seu curso de engenharia. A partir daí resolveu dar outro nome ao

clube, que passou a ser conhecido como Cineclube Nossa Senhora do Desterro, nome que surgiu do seu interesse pela história da cidade de Florianópolis.

Até 1979, as exposições eram itinerantes e esporádicas. Ou aconteciam na casa de um dos associados ou nos diversos auditórios da cidade, que o cineclube conseguia alugar ou emprestar. Eram exibidos filmes de bitola de dezesseis milímetros. Mas a sorte do cineclube começou a mudar quando, no ano de 1979, foi criada a Fundação Catarinense de Cultura pelo governo de Jorge Bornhausen. Gerlach foi convidado para dirigir o setor de cinema da fundação.

Além de maior apoio, em 1982 o clube conseguiu uma sala própria. O Teatro Adolpho Mello, de São José, foi restaurado, e Gerlach escolheu o local para a instalar o cineclube Nossa Senhora do Desterro. Gilberto Gerlach morava em São José e esta decisão teve muito do pragmatismo que adquiriu cursando engenharia. A primeira sessão do cineclube no Teatro foi com o filme "Deus e o Diabo na terra do Sol", de Glauber Rocha, numa cópia novinha em folha.

Mais tarde, com a criação e construção do Centro Integrado de Cultura - CIC -, no ano de 84, o cineclube fundado por Gilberto Gerlach ganhou uma nova sala de exibição, num excelente local, mas que agora esta ameaçada de fechar por falta de público e por causa da exploração do estacionamento, que causou um aumento exagerado no preço para se assistir cinema no CIC.

O Futuro do Cinema

Neste último mês foram fechados cinemas de três cidades gaúchas. Em Passo Fundo e Bagé, o público não tem mais opções para assistir aos espetáculos de cinema. Em Pelotas, com o fim do Cinema Guarany, ainda restam três salas de exibição. A concorrência com a televisão, a popularidade do videocassete e a baixa qualidade dos sistemas de projeção e de sonorização contribuíram para afastar o público das salas do Interior do Rio Grande do Sul. Com isso, foram aposentados projetores que, a uma velocidade de 24 quadros por segundo, davam vida a imagens estáticas, sonhos, dramas, tragédias e comédias.

Só neste último semestre de 1996 também foram fechados os cinemas das cidades de Uruguaiana, Santa Cruz do Sul, Cruz Alta e Erechim, todas no Rio Grande do Sul.”

A notícia acima foi publicada pelo jornal “Zero Hora” em outubro de 1996, informando e reproduzindo o que vem acontecendo em cidades importantes do estado do Rio Grande do Sul. Não é um caso específico nem particular deste estado, mas uma tendência que vem ocorrendo em todo país. E também não podemos dizer que seja o fim de todas as salas de cinema. São só outros tempos.

A tendência

Depois de três décadas ruins de platéia, as salas de projeção de cinemas em Florianópolis começaram, a partir dos anos 90, a mudar sua configuração. As localizadas no centro histórico foram fechadas, começando pelo Cine CECOMTUR em 90; Cine Carlitos em 92 e finalmente Ritz e São José em 93. No final de 1993 e início de 94, os moradores de Florianópolis quem quisessem assistir um filme em uma tela grande tinham como opção duas salas que viviam graças a teimosia de dois amantes do cinema: Darci Costa e Gilberto Gerlach, que com ajuda de amigos, sócios e do governo mantinham em atividade o CIC e o Art-7. Não fossem elas, os moradores da cidade que encheu salas, enriqueceu famílias, provocou tumultos, produziu filmes e um festival de Cinema Nacional teria ficado sem nenhuma sala, passaria um tempo se ver filmes numa tela grande.

Os velhos cinemas que serviram de passarela, onde as famílias mais ricas e mais humildes sonharam com seus atores prediletos, viveram aventuras no Oeste

norte-americano, viajaram pela Europa, amaram atrizes, namoraram, casaram e derramaram-se em lágrimas, hoje são vistos com um pingão de nostalgia e desconfiança. Continuam vendendo esperanças com a instalação das novas igrejas evangélicas, um fenômeno que se repete em todas as antigas salas de cinema no Brasil e no mundo. Elas agora servem para celebrar seus cultos e curas milagrosas.

O Beiramar Shopping Center é o local onde a empresa cinematográfica Arco-Íris instalou suas três novas salas de cinema em Florianópolis. Apesar do Centro Comercial ter sido inaugurado em outubro de 1993 os cinemas só começaram a funcionar em 1994. A empresa também adquiriu e dividiu uma grande sala do Shopping Itaguaçu, em São José, em três pequenos e mais confortáveis cinemas, outra tendência dos tempos atuais.

Estas mudanças ocorrem em quase todo o país, nas mesmas circunstâncias. Salas tradicionais, freqüentadas pelos pais e avós foram fechadas, enquanto várias outras são instaladas nas dezenas de Shopping Centers que são inaugurados a cada ano em várias cidades no Brasil. E estas novas salas, na sua maioria, tem excelente freqüência, fazendo com que um ato social de ir ao cinema se transformasse num consumo. O romantismo morreu com as velhas salas.

O cinema ressurge

Dados recentes sobre a atividade do cinema no Brasil: o país possui 1.500 salas de exibição, que venderam 80 milhões de bilhetes e registrou um faturamento de US\$ 350 milhões em 1995.

Os números são uma prova de que depois de todos os problemas vividos pelos proprietários de salas de cinema no passado, pode-se festejar a reestruturação deste segmento da economia mundial com a ampliação de seu público. Uma atividade que foi qualificada no passado como arte e que hoje é conhecida como uma indústria de entretenimento. Embora as salas mais antigas, que tinham a capacidade para acolher entre 300 e 1000 pessoas estejam sendo fechadas, novos cinemas, menores e confortáveis, estão surgindo em ritmo acelerado no país.

Estes novos cinemas possuem um conforto bem maior; ar condicionado como acessório; melhor qualidade de som e imagem; são obrigados a exibirem no mínimo de três sessões do mesmo filme por dia, etc.. Sai o cinema como o programa e entra um cinema com a qualificação de ser um programa. As salas hoje estão sendo instaladas em centros comerciais como se fosse mais uma loja a ser visitada pelo público, o que transformou a ida ao cinema quase que num programa acidental.

Outro conceito que desembarca no Brasil é o *multiplex*, que definem uma nova vida para as salas de projeção de forma ainda mais radical: é o próprio cinema, e não as lojas, a razão de ser do Shopping Center. Serão centros de lazer girando em torno dos cinemas.

Quem aposta nesta idéia no Brasil é o grupo Severiano Ribeiro, a maior empresa exibidora de filmes no Brasil. Ela possui mais de 107 salas espalhadas

pelo país, construídas ou adquiridas nos últimos 72 anos. Há um ano, o grupo assinou um contrato com a United Cinema International (UCI) que prevê o investimento no valor de US\$ 60 milhões para a instalação de dez *multiplex* no país.

O plano de Severiano Júnior é inaugurar dois destes centros a cada ano. A exibidora acredita que o mercado nacional pode crescer até 40% graças a este novo tipo de cinema.

O surto de desenvolvimento do mercado nacional já foi percebido por empresas estrangeiras, que começam a armar parcerias com as empresas nacionais. A Cinemark, sexta maior exibidora dos Estados Unidos, com 160 *multiplex* espalhados por 26 estados norte-americanos, procura parceiros no mercado brasileiro.

Uma das mais visadas é a Paris Filmes, que possui 62 salas no Brasil. O grupo Darze está planejando investir cerca de US\$ 10 milhões para abrir mais 30 salas. E outras grandes exibidoras, como a Empresa Sul e a Hawaii, também têm planos de investir nesse novo seguimento de mercado.

O Calor do Verão

Alguém que trabalhou 65 anos nas cabines dos cinemas de Florianópolis acaba sendo parte da *própria história* do cinema da cidade. De 1926, quando começou acompanhando o pai Norberto Silva, operador do cinema Ponto Chic, até a aposentadoria em 1990, seu Osmar Silva acompanhou todas as mudanças que ocorreram no cinema e no mundo. Ele viu a vida passar de dentro de uma cabine de projeção.

Seu Osmar se empolga ao falar sobre o assunto História da Ilha. “Ninguém lembra o passado dessa cidade”, reclama. Deve ser angustiante ter tantas histórias para contar e ninguém para ouvi-las. Conta que viu a ponte ser construída, enquanto observava da janela de sua casa, localizada nos altos da rua Conselheiro Mafra, uma obra que agora completa 70 anos depois de erguida e corre o risco de desabar pelo desleixo das autoridades e da comunidade.

- “A vida aqui mudou muito depois dela, sabe?” afirma.

Falador, disposto, tem em suas pernas um ponto fraco que dificulta, nos seus 80 anos, andar pela cidade que tanto gosta. Os problemas cardíacos que sofre há alguns anos prejudicam seus movimentos e seu Osmar encontra dificuldades para andar. Sempre necessita daquela “forcinha” a mais para se levantar e percorrer as maiores distâncias. No resto, no entanto, está perfeito, principalmente sua memória.

Sua memória, inclusive, é melhor que a de muito gente por aí. Ele recorda de muitas passagens que ninguém mais lembra que resgata buscando lá no passado de quase ou mais de trinta e tantos anos.

- “Hercílio Luz era um governador daqueles. Quem aprontasse com ele, podia arrumar as malas e se mandar, se não quisesse se incomodar uma barbaridade. Ele era durão e governava com mão de ferro.”

Mas o assunto que seu Osmar mais gosta de conversar é sobre cinema.

- “Então tá”!

Com a morte de seu pai: Norberto, em 1930, ainda menino com 14 anos assumiu sozinho o comando dos projetores do Centro Popular onde seu pai trabalhava para sustentar a mãe e os irmãos. Com 20, já trabalhando no circuito Coroados, conseguiu que sua carteira de trabalho fosse registrada, uma coisa inédita para a época. A partir dali se considerava realmente um empregado.

Uma das coisas que mais lhe incomodava era o calor do verão.

- “Dentro da cabine, era um inferno. Aquele arco voltaico fazia calor no inverno...”

Dos patrões, não tem nenhuma reclamação. Diz que teve sorte com os chefes. Todos são bem lembrados inclusive o último, Mário Santos, proprietário da empresa Arco-Íris, lhe prestou uma grande homenagem em seu último dia de trabalho, 25 de maio de 1990.

Coincidentemente no último dia em que seu Osmar teve que trabalhar no cinema, na sua despedida o filme que foi exibido chamava-se: “Cinema Paradiso”, que reproduz em parte a vida de todos aqueles que de uma maneira ou de outra trabalharam no início do cinema em suas cidades. A história do garoto Totó, que era ajudante do operador de um cinema do interior da Itália, acaba substituindo-o e assumindo suas funções. Este filme é sempre citado por seu Osmar como de fosse a *história de sua vida*.

- “Foi a mesma coisa, só que eu não substituí um amigo mais velho, mas sim meu pai”. “Só parei por causa do coração. Senão, estava, até hoje, lá nas salas de projeção no Shopping Beiramar mexendo nas máquinas novas que são fáceis de operar.”

Fim.

Agradecimentos

Em agradecimento ao meu amigo **Paulo Henrique de Sousa** pela força e apoio, ao servidor **Dalton Barreto**, do Curso de Jornalismo, que sempre me ajudou e orientou a minha carreira acadêmica ao longo deste período na *UFSC*, ao professor Paulo Brito que me motivou a prosseguir e orientou na elaboração deste trabalho, minha família que contribuiu com paciência, amor e carinho e a todos, que uma forma ou de outra contribuíram com seus depoimentos e especial **Seu Osmar** que sempre teve paciência para me atender quando se fazia necessário.

dezembro de 1996

Bibliografia

1. SCHMITZ, Paulo Clóvis, Pequena História do Teatro Álvaro de Carvalho, Florianópolis, Paralelo 27/ Fundação Catarinense de Cultura, 1994.
2. VAZ, Nelson Popini, O Centro Histórico de Florianópolis: espaço público do ritual, Florianópolis, FCC Editora/Editora da UFSC, 1991.
3. SADOUL, Georges, História do Cinema Mundial, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1963.
4. GONZAGA, Alice, Palácios e Poeiras: 100 anos de salas de cinema no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Record/Funarte, 1996.
5. DEPIZOLLATI, Norberto Verani (organizador), O Cinema em Santa Catarina, Florianópolis, Editora da UFSC, 1987.